

Aspectos lingüístico-filológicos da Carta de Pero Vaz de Caminha

Horácio Rolim de Freitas, da ABF, UERJ e USU

O tema em foco *Aspectos lingüístico-filológicos da Carta de Pero Vaz de Caminha* tem por objetivo abordar alguns problemas pertinentes à leitura diplomática e à adaptação à linguagem atual feitas por Jaime Cortesão.

Por que a edição de Jaime Cortesão?

Explica-se pelo fato de o trabalho do eminente historiador ser o mais utilizado, e considerado pela crítica um dos melhores, senão o melhor.

As impressões e descrições que Caminha apresenta ao rei de Portugal já são amplamente conhecidas por todos; estão nos livros de História do Brasil e em várias publicações da *Carta*. Contudo, em se tratando de um texto antigo, em linguagem arcaica, muitos percalços surgem diante do paleógrafo e do filólogo. Daí a necessidade dos comentários filológicos.

A leitura em linguagem moderna nunca apresenta exatidão em face do texto autógrafo. Eis onde entra o especialista, o filólogo. O próprio Jaime Cortesão, que não era filólogo, declara na introdução do seu trabalho que não teve intenção de fazer um estudo filológico, nas notas explicativas que faz ao texto, pois, segundo suas palavras “exigiria uma competência e erudição muito especializadas”. Conclui, dizendo das dificuldades de tal exegese pela falta principalmente de uma edição crítica.

As observações que faremos têm por base o texto de Jaime Cortesão, publicado pelo Instituto Nacional do Livro, sob a coordenação de A. G. Cunha, 1964. Aí o nosso grande lexicógrafo já encontrara quarenta e dois lapsos tipográficos. Constatamos outras omissões, cotejando a leitura diplomática com o fac-símile, sobre as quais faremos alguns comentários, o que em nada diminui os méritos a que sempre fez jus o grande historiador português.

Começemos pelo campo filológico.

É notório que a Filologia tem por objetivo o texto que carece de explicação a fim de se tornar inteligível. Todos os elementos lingüísticos, históricos, geográficos, literários e outros que dele fazem parte constituem a preocupação do filólogo, cujo trabalho será elucidá-los.

Eis uma pequena demonstração, após leitura do fac-símile:

1.º / “Voso prosegujmento tã santo e vertuoso”. (f.12v./13-14, p. 169). / “e abraçauãnos e folgauam e alguus deles se esqujuauam logo”. (f.8v/6-7, p. 153).

Nas passagens destacadas, observamos o uso do *v* e do *u*: *vertuoso*, *abraçauãos*, *folgauam*, *esqujuauam*. Os grafemas *u* e *v*, que indicam vogal e consoante, traziam grande confusão. Até a época de Caminha, havia certa orientação para o uso da letra *v* no início da palavra e da letra *u* no meio, representando ambas a consoante labiodental, como nos exemplos: *vertuoso*, *aruores*. Contudo, os escritores não mantinham uniformidade. Caminha, a par de *auer* com *u* usa *aviam* com *v*. Semelhante confusão se fazia com as letras *i* e *j*. O *j* era empregado como vogal, semivogal e consoante palatal: *ajnda*, *mujto*, *seja*.

Coube ao latinista Petrus Ramus, em sua *Gramática* de 1559, uniformizar o uso do *v/u* e do *i/j*. O *v* e o *j* passaram a representar as consoantes labiodental e palatal, respectivamente, e o *i* e o *u* as vogais e semivogais. Daí serem o *v* e o *j* conhecidos como letras ramistas.

2.º / “e baretes depenas daues dele verdes e deles amarelos”. (f.8v/l 4, p.153).

No exemplo acima, constatamos que Cortesão, na leitura diplomática, deixa a primeira forma pronominal dele no singular, ao passo que a expressão de uso constante na Carta é *deles... deles* (isto é: *uns* e *outros*) como está no fac-símile. Ocorreu um lapso de leitura.

3.º / “papagayos verdes e outras aues pretas casy como pegas se nõ quãto tijnham obico bramco eos rrabos curtos”. (f. 10/28, p. 159).

Cortesão registra *quãto*, embora no fac-símile se leia *quãdo*. A expressão *se nõ quãdo* significa *exceto*, *somente*, *quando*, a qual, com o verbo no indicativo, traduz a idéia de tempo imediato. Tal é o significado do texto na comparação de Caminha: papagaios verdes e outras aves pretas quase parecem pegas, exceto quando tinham o bico branco e os rabos curtos, pois as pegas têm cauda longa.

Cortesão interpretou como condicional: *a não ser que*, o que exigiria o verbo no subjuntivo.

4.º / “deramlhes aly de comer pam e pescado cozido confejtos fartees mel e figos”. (f.3/6, p.131).

Na transcrição para a linguagem atual, Cortesão registra *fartéis* (oxítona), pronúncia, hoje, existente em Portugal. Contudo, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras, registra *farte/fárten/fártel*, paroxítonas, cujos plurais serão: *fartes/fartens e fárteis*.

Farte (bolo com açúcar e amêndoas) é o registro feito pelo nosso grande Moraes, além da forma *fártem*, com os plurais *fárteis* e *fartens*. Acrescenta Moraes que “outros dizem *farte*, no singular, e *fartes*, no plural, o que é o mais comum”.

Cortesão, em nota, cita a explicação de Morais, mas opta pelo plural *fartéis*, porque encontrou a forma *fartel* no Cancioneiro de Garcia de Resende. É possível que na época de Caminha houvesse o plural *fartéis*, de uso coloquial ou regional. É importante esclarecer que José Pedro Machado, em seu *Dicionário etimológico*, segue a Morais e também não exemplifica o plural *fartéis*.

5.º / “Esses x ou xij que hy estauam acenaramlhes que fezesen asy”. (f.11/21, p.163)

A expressão *Esses x ou xij* constitui no texto autógrafo um anacoluto, isto é, um elemento sintaticamente sem função na frase, uso muito comum na linguagem coloquial.

Cortesão assim interpreta na linguagem atual: “A esses dez ou doze que aí estavam acenaram-lhe que fizessem assim...” passando aquela expressão a complemento indireto do verbo acenar, e o pronome *lhe* a pleonasma desse complemento. Usa-o, contudo, no singular, o que não corresponde nem à leitura diplomática nem ao fac-símile.

6.º / “desa semente e frutos que a tera e as aruores de sy lancam...”. (f.11v/11, p. 165).

A leitura diplomática, que deve ser fidedigna, não corresponde ao fac-símile, onde se lê: *frutos*, embora na linguagem atualizada Cortesão tenha empregado *frutos*.

Não obstante já existir a forma monotongada *fruto*, de que há exemplo na Demanda do Santo Graal (séc.XIV-XV) “a arvore bõa faz bõo fruto”, o fato é que Caminha usou *frutos* e não *frutos*.

7.º / “debaixo dela ajudarnos”. (f. 12/10, p. 167).

Cortesão atualizou para: “debaixo dela para nos ajudar”.

No fac-símile encontramos: “debaixo delaa ajudarnos” onde, junto ao pronome, aparece a preposição *a*, omitida por Cortesão na leitura diplomática.

8.º / “vjemos aas naos”. (f.12/30, p. 169).

A leitura diplomática não corresponde ao fac-símile, onde a palavra *naaos* está escrita com a dobrado, pois era costume na língua arcaica duplicar a vogal tônica, como ocorreu também com *poobre*, *estaa*, *travees* etc.

9.º / “carapuças vermelhas pera dar la ao Sor.seo hy ouuesse”. (f.4/5, p. 137).

/ “abandeira de xpos com que sayo debelem”. (f.5/13, p.139).

/ “mostraranlhes huña ga”. (f. 3/12, p. 131).

Era comum o uso de abreviaturas na linguagem antiga, costume já existente entre os romanos. Na transcrição dos discursos havia uma espécie de *taquigrafia*, denominada notas tironianas, invenção atribuída a Tullius Tiro, liberto de Cícero. Na Idade Média, ampliaram-se as abreviaturas, tornando, por vezes, ininteligíveis os textos. Caminha usa inúmeras abreviaturas, dentre as quais destacamos: *Sor* = Senhor; *ga* = galinha; *xpos* = Cristo. Esta abreviatura é formada das duas primeiras letras da palavra *Christós* do grego: o khi e o rô e das duas últimas: o ômicron e o sigma.

Aspectos lingüísticos

Fônicos

Pode-se observar que a linguagem de Caminha bem reflete a fase arcaica, tanto no aspecto gráfico, pelo uso dos grafemas *u* e *v*, *i* e *j*, conforme comentários feitos na parte filológica, como pela tendência ao desaparecimento do hiato com vogais idênticas através da crase. Além destes, outros fatos fônicos serão objeto das observações a seguir.

- 1.º / “suas vergonhas com tanta jnocência descubertas”. (f. 7/12, p. 147).
/ “por andarmos todos casy mesturados”. (f. 8v/19, p. 153).

Uma das características fônicas da língua portuguesa, herança do latim corrente, é a oscilação da vogal pretônica ou da vogal da sílaba inicial, como se pode comprovar pelos exemplos acima destacados. Já o nosso primeiro gramático, Fernão de Oliveira, chamava a atenção para o fato: “...participação q todas tem antre si: das vogaes antre u e o pequeno há tanta vezinhença q quasi nos confundimos dizendo hus somir e outros sumir: e dormir ou durmir / e bolir ou bulir” (*apud* edição de Olmar Guterres da Silveira, 1954, p. 5).

Aliás, já no *Appendix Probi* há exemplo de tal flutuação entre as vogais da sílaba pretônica: *senatus non sinatus*

- 2.º / “comecaram asaltar e dançar huñ pedaço e alguñs deles”. (f. 5/29, p. 139).
/ “mujtos cõ seus arcos e seetas”. (f. 2v/6, p. 129).
/ “de bõos rrostros e boos narizes”. (f. 2v/1, p. 129).

Possivelmente ainda constituam hiatos os encontros acima destacados, embora também encontremos o produto da crase em outras palavras, como:

- / “era da sua propia cor”. (f. 5v / 20 , p.141).
/ “nom vimos some alguñas ponbas seixas”. (f. 10/4, p. 159).

- 3.º / “dezia que avia em tera ouro”. (f. 3/6, p. 131).
 / “antre huñas moutas dapalmas”. (f. 3v/32, p.133).
 / “aly jouuemos todaaquela noute”. (f. 1v/10, p. 125).

Os ditongos *ou* e *oi* se permutavam em certas palavras.

Na língua literária entraram com o ditongo *ou*: *doutrina*, *mouro*, *ouro* e *noute* (séc.XIII: *noute* e *noite*).

Era de uso literário a forma *noute*. A subjuntiva *u* influenciou outros vocábulos que tinham *oi*, como *Doiro* / *Douro*, *moiro* / *mouro*.

Por outro lado, algumas formas com o ditongo *ou* passaram a *oi*: *outenta*, *outavo*, *outubro*: *oitenta*, *oitavo*, *oitubro*.

Em relação à palavra *noute*, Caminha estava de acordo com o uso literário da época.

Lembramos que Bernardim Ribeiro, em 1536, na obra *Menina e moça*, ainda usa *noute*: / “Mal cuidara eu ... quando aquela noute”.

- 4.º / “huña ga casy aviam medo dela”. (f. 3/13 , p.131).
 / “mujta camtidade deruas compridas”. (f. 1/33 , p. 123).

Outro aspecto fônico da época é a eliminação do apêndice labial /u/ junto a oclusiva velar. *Quase*, *quantidade* pronunciavam-se *casy* e *camtidade*, conforme registro de Caminha.

Esse elemento labial voltará a ser proferido pela influência latinizante.

Aspectos morfossintáticos

Nesse campo, ocorrem formas e construções que diferem do português moderno, mas que ainda não se fixaram, como: palavras uniformes em gênero, regências verbais diferentes com significações outras que não as do português moderno. É o que observaremos através das passagens retiradas da Carta e que serão objeto de comentários.

1.º A forma apocopada do adjetivo *grande* – *gram* (grão) era uniforme em gênero até o século XVII.

- f. 1/19 (123) / “mais perto da gram canarea” /
 f. 7/27 (147) / “que lhe caberya pelo furado huu gram dedo polegar”.

2.º A preposição *sobre*, na passagem abaixo, expressa a noção de tempo, significando *depois*.

f. 2/ 25-29 (127) / “acharam os ditos navios peqnos huu arrecife... e as naaos arribaram arribaram sobreles”.

3.º Cortesão, na leitura moderna, usou a expressão: uma pouca de cera. Mas na passagem da Carta lemos:

f. 10v/ 21 (161) / “derã lhe huua pequena de cera vermelha”/

Tanto *pouca* como *pequena* aparecem numa expressão, produto de cruzamento sintático:

a) *um pouco de água* e b) *pouca água*, em que o advérbio *pouco* sofre influência de gênero do substantivo *água*, passando a *uma pouca de água*.

4.º A palavra *home* como pronome indefinido:

f. 7/23-24 (147) / “quanta cousas que lhome preguntaua douro” /

A palavra *home*, além de substantivo, funcionava também como pronome indeterminador do sujeito, como no exemplo acima, que corresponde ao português moderno: quantas coisas que alguém lhe perguntou sobre o ouro.

5.º Na passagem f. 3/18-19 (131) / “vinho per hũa taça, poseranlhe asy aboca tâ malaues e nõ gostarã” / “aparece o advérbio arcaico: *tamalavez* cuja significação é *um pouco, um tanto, alguma coisa*, formado de *tam-mala-vez*”.

6.º A par da forma *vamos* (verbo *ir*), usou-se *himos*, como na passagem:

f. 2v/35-36 (129)/ “que aquy na naao cõ ele himos assentados no chãao” /

Até o século XVI usaram-se *imos* e *is*, por *vamos* e *ides*. Em Camões, encontramos:

C I , 50 / “Os Portugueses somos do Ocidente
Imos buscando as terras do Oriente” /

C IV , 91 / “Por que is aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha e não vossa?” /

No Renascimento, a forma *is* foi substituída por *ide*.

7.º O adjetivo arcaico *quejando* também foi usado por Caminha.

f. 6v/2 (145) / “na terra e veerseia bem orrio quejando era./ quejando, isto é, de que natureza, de que origem”.

Formada de *que* + *genitu* (nascido, oriundo): *quejendo* e *quejando*.

8.º A expressão pronominal: *deles... deles* aparece em

f. 8v/14 (153) / “arcos e baretes depenas daues deles verdes e deles amarelos” /

Corresponde, no português moderno, a *uns e outros*.

9.º No português arcaico era acentuado o uso da voz medial dinâmica.

f. 3v/38 (133) / “Eemtam se começaram de chegar mujtos” /

f.4/13 (135) / “daly se partirã os outros dous mançebos” /

f. 4/34 (135) / “e pasaranse aalem do rrio” /

f.4v/10 (137) / “e entam veosse” /

f. 4v/ 22 (135) / “e com jsto nos tornamos e eles foramsse” /

A voz medial é representada por verbos conjugados com os pronomes oblíquos, quando o sujeito executa movimento em sua própria pessoa.

Muitos desses verbos, no português moderno, deixaram de ser usados na voz medial, como vir: ele *veio*. Caminha ainda usou : ele *veosse*.

10.º A regência verbal e a significação nem sempre se mantêm no português moderno. Na passagem:

f.10v/20 (161) / “meteo (armadura grande) logo no beiço e por que se lho nõ queria teer, derãlhe huua pequena de cera...” /

Teer se traduz a idéia de *segurar, manter-se*.

11.º Outro verbo, cuja regência e significação não correspondem à fase atual da língua, está na passagem:

f. 11/25 (163) / “por que eles nõ teem nem emtendem em nehuã creemça” /

Cortesão manteve a regência antiga sem explicá-la. *Entender em* não significa: *não entender* ou *não compreender*, mas *ocupar-se de, aplicar-se a*.

12.º Junção de formas pronominais:

f.5v/14 (141) / “mas nõ já que mamy parecese que” /

No português moderno: *parecesse-me a mim*, há repetição da mesma função pronominal, logo, um pleonasma. No encontro de *me + amy* houve a elisão do *e*.

13.º Outra construção de uso coloquial encontramos em:

f. 13/3 (171) / “seg. o que amy e atodos pareceo esta jente nõ lhes faleçe outra cousa” /

A expressão *esta jente* ficou sem função sintática na frase. Trata-se de outro anacoluto e, portanto, não é sujeito de *faleçe*.

14.º No português arcaico, não havia a norma do uso do pronome *quem*, tendo por antecedente pessoa, como ocorre no português moderno. Na passagem:

f. 8/5 (151) / “ao velho cõ que ocapitam falou... / o pronome *que*, hoje, seria substituído por *quem*”.

Camões ainda usou *quem* sem antecedente pessoa:

(C IV, 95) Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a que chamamos fama .

15.º Caso de tratamento pronominal:

f. 10/16-17 (159) / “seg. vosa alteza vera per alguus que creo queo capitã aela há demujar” /

Caso interessante está nesse tratamento ao rei de Portugal. Caminha usa a locução pronominal cerimoniosa *Vossa Alteza*, a qual, juntamente com outras, tinha sido normatizada havia pouco tempo, tendo uso recente naquela oportunidade. Caminha, por três vezes, substitui a expressão *Vossa Alteza* por *ela*.

16.º Ausência de concordância.

Não raro, na língua arcaica, se observa a falta de concordância entre verbo e sujeito.

f. 7/16-17 (147) / “que lhe nõ parecia se nõ as perninhas mas as pernas damay eo al nõ trazia nehuũ pano” /

O verbo *parecia* (aparecia), no singular, tem por sujeito *perninhas*, plural, enquanto o verbo *trazia* tem por sujeito *as pernas damay eo al*, também sujeito no plural.

17.º No último exemplo, temos o emprego de verbos de movimento com a preposição *em*:

f. 6v/3-4 (145) / “fomos todos nos batees em terra” /
f.3/ 10 (133) / “mandou o capitã que fosse em terra” /

É comum, no português arcaico, que verbos e locuções verbais, exprimindo idéia de *deixar entrar*, *fazer entrar*, apresentem complemento com a preposição *em*, significando o ponto em que a ação se efetua, o *lugar onde*, e não o movimento a que se refiram.

Em Camões, também encontramos tal construção:

(C II, 87): “De não sair em terra toda gente,
Por observar a usada preminência”

Aspectos do léxico

1.º “traziãa huus ourjços verdes darvores que na cor querjam parecer de castinheiros” (f. 8v/26 (153))

Cortesão usou a forma atual *castanheiro*. Caminha não poderia tê-la usado porque ainda não existia.

No latim tardio, a par de *castanea* (*nux castanea*), houve a variante *castinea*, da qual se derivou, no séc. X, *castiniarius*, que, após evoluções, chegou a *castinheiro* em português, forma conhecida na época de Caminha.

Só mais tarde surge a forma *castanheiro*, tirada de *castanha*, cujo registro é de 1541.

2.º “mete nos pela parte de dentro do beijo e o que lhe fica antre obeijo eos dentes he feito coma rroque denxadrez”. (f.2v/16 (129))

Caminha usou a forma *enxadrez*, tirada de *xadrez*, palavra de origem árabe, com outras variantes, como: *exedrez*, *eixedrez*, *enxedrez*.

Na expressão *rroque denxadrez*, a palavra *roque*, empréstimo ao francês *roc*, significa *rocha*, *firme*.

No jogo de *xadrez*, há uma jogada que consiste na troca de posição entre o rei e a torre: o rei anda duas casas à direita e a torre passa por cima do rei e fica-lhe à esquerda.

Caminha, para explicar a colocação dos ossos de enfeite usados pelos indígenas nos beijos furados, compara-a ao roque do *xadrez*.

Por que a referência ao jogo de xadrez? Porque era considerado um jogo eminentemente intelectual, chegando até a ser incluído, pelo filósofo Leibnitz, entre as Ciências.

Em Portugal, o bispo D. Jorge d'Almeida proibia aos clérigos toda sorte de jogos, à exceção do xadrez: “podem usar por sua recreaçã jogo em que o engenho se eixercite, como é o jogo de enxadrez”.

3.º “se nom soomte leixar aquy os dous degradados” (f. 6/34 (143)

Observemos no texto o verbo *leixar* usado por Caminha. Hoje, empregamos *deixar*.

Leixar aparece sete vezes na Carta; *deixar*, nenhuma. Explica-se.

Ambos vieram do latim: *laxare* e *daxare*. Coexistiram em registros diferentes. De *laxare* saiu *leixar*, usado na literatura, e de *daxare* saiu *deixar*, usado nas classes populares, o qual sobrepuiu o aristocrático *leixar*. Daí só encontramos nos textos literários a forma *leixar*, da qual temos derivados em *desleixar*, *desleixado*, *desleixo*.

4.º “crea q por afremosentar nem afear aja aquy de poer...” (f. 1/10, pág. 123)

Na leitura diplomática Cortesão manteve o verbo *afremosentar*, mas na adaptação à linguagem atual, substituiu-o por *alindar*.

De *formoso* (séc. XIV) surgiu *fermoso* (por dissimilação), da qual se derivaram *fermosear* e *afermosear*, *afermosentar* e *afremosentar*. De *fremoso* (por metátese) tirou-se *afremosar* e *afremosentar*.

5.º “ataa terça feira doitauas de pascoa que foram xxj dias dabrill...”

A expressão *oitavas de páscoa* indica o período de 8 (oito) dias de data festiva, como Natal, Ascensão, Páscoa, ou 2 (dois) ou 3 (três) dias após. No texto, significa dois dias após a Páscoa, que se dera no dia 19 de abril, logo dia 21 de abril. Confirma-o a pascoela, registrada na Carta no dia 26 de abril.

6.º “e neeste dia aoras de besperaouemos vjsta de terra .s. ...” (f.1v. /2, pág. 125)

Oras de bespera: horas de véspera, designa uma das sete partes das horas canônicas, a saber:

ora prima: marca as seis horas da manhã

ora terça: nove horas da manhã

ora sexta: doze horas

ora noa: quinze horas

véspera: entre quinze e dezoito horas; entre quinze horas e o pôr-do-sol.

7.º “...e o outro lhe deu huu rramal grande de continhas brancas meudas que querem parecer daljaueira...” (f. 2/5, p. 127) *aljaueira* < ár. *aljawa*: “bolsa em que se guardam as setas”. O termo pertence à terminologia de *falcoaria* (arte de adestrar falcões).

De *aljawa* formou-se *aljaveira* e, daí, *algibeira* (pequeno saco, bolso de couro). (séc. XIII).

No texto, significa *concha de molusco, marisco miúdo*, existente na Costa da África, com que se faziam colares, rosários e cintos. Tinha aparência de um estojo protetor, comparado a bolsa ou algibeira.

8.º “sem teer nhua maneira de cobrirem suas vergonhas as quaaes não herã fanadas” (f.3/35, p. 131). *Fanadas* (circuncidadas) do verbo latino *fanare*: *consagrar, dedicar* e, daí, *amputar, circuncidar*, prática transmitida pelos mouros aos africanos. Caminha refere-se ao fato para distinguir o indígena do africano islamizado, conforme explicação de Cortesão.

9.º “mandou naquele jlheco armar huu esperavel e dentro neele aleuentar altar...” (f.5/5, p. 139).

Esperavel ou *esparavel* vem do catalão *esperaver*, significando *cobertura contra o sol, tendas de campo, caramanchão, pátio, barraca* e, também, *dossel de leito*, isto é, as camas antigas traziam acima um pátio com longas cortinas.

10.º “eos vazios com barriga e estamego era de sua propia cor...”

Estamego e *estamago* são formas populares de *estômago*, do étimo latino *stomachus*, tirado ao grego *stómachos* (abertura, parte interna). A forma popular *estâmago* vai até o séc. XVII, segundo José Pedro Machado.

Camões usou unicamente a forma popular:

“Porque enfim vem de estâmago danado” (Lus. C.I, 39)

“Louvavam muito o estâmago da gente” (Lus. C.II, 85)

“Tal do rei novo o estâmago acendido” (Lus. C. III, 48)

11.º “... e naquilo me parece ajmda mais que sam coma aves ou alimareas monteses.” (f. 8/16, p. 151).

Alimareas (e *alimarias*) do latim *animalia* que passa a *alimalia* por dissimilação (n-m / l-m) e, daí a *alimaria* por dissimilação (l-l / l-r).

12.º “e seg.º eles deziã foram bem huua legoa e meia ahua pouoraçom” (f. 9/8, p. 155).

Povoraçom variante antiga tirada de *povorar*.

Eis as formas provenientes do étimo *populare*:

populare > *pobolar* > *povoar*, de que se tirou *povoação*;

populare>poborar>pobrar. (Na Demanda do Santo Graal, encontram-se as formas: poborada e povoada).

De poborar>povorar, de que provêm povorador e povoração.
As formas acima são registradas por Moraes.

13.º “mas ele nõ qujs se nõ dous mãcebos despostos e homees deprol...”
(f.10v./ 1, p. 161)

Deprol significa *de proveito, de utilidade*.

Segundo P.º Magne, provêm do adjetivo do lat. *prode*, usado na expressão *prode est* (é vantajoso), passando para o Português como substantivo feminino e masculino, em três formas: *proe*, *pro* e *prol*. Esta última com o plural *proes*, usado em formas jurídicas como: *proes* e *percalços*, formou-se analogicamente com o singular de palavras terminadas em //: sol, sóis; lençol, lençóis e, daí, *proes*, *prol*.

Cf. exemplo da Demanda do Santo Graal:
“Rogo-vos por vossa prol e por minha”.
prol: relevância, destaque.

14.º “...que sera do rrio obra de dous tiros de beesta” (f. 12 / 12 , p. 167)
Dous tiros de *beesta*: do lat. *balista*> *baesta* > *beesta* e, daí , *besta* (com /e/ aberto).

No latim, *balista* significava arma bélica para atirar pedras e dardos.

Besta: arma antiga para atirar setas ou pedras. Um tiro de *besta* percorria 150 m; logo, dois tiros, 300 m.

Moraes cita um adágio popular:

“Ainda que João Vaz tem besta,
não deixam de lhe apontar a testa”.

15.º “e ele corejeio lhe detras seu aderemço para se teer”(f. 10v./22, p. 161).
Aderenço (enfeite, ornamento) é deverbal de *aderençar* que representa o cruzamento entre *adereçar* e *endenreçar*.

Adereçar: tornar correto e, daí, adornar.
Endereçar : direção para o correto, destinatário.
O étimo de ambos é *directus*.

Acreditamos que dois pontos tenham ficado marcantes. O primeiro diz respeito à importância da leitura diplomática para o conhecimento, cuja fidelidade ao texto autógrafa é imprescindível para a compreensão precisa e clara do assunto descrito. Dificuldades sempre há em tal trabalho ingente, metucioso e que exige o conhecimento especializado no campo filológico. O segundo baseia-se na importância histórica da *Carta*, documento ímpar que narra, com detalhes, o que viu a armada de Cabral na terra virgem, então descoberta.

Não há negar que tal pintura dos acontecimentos aqui sucedidos é feita com tal fidelidade, que faz de Caminha merecedor de nossos louvores, não só pelo equilíbrio das descrições, como pelo respeito e tratamento dados ao nativo, o dono da terra.